

FAZER PESQUISA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM PEQUENO ENSAIO SOBRE DADOS VISUAIS, A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DURANTE O LOCKDOWN

Andrea Poletto Oltramari¹

Maria José Tonelli²

INTRODUÇÃO

O artigo a seguir pretende refletir, a partir de narrativas visuais e da experiência de fazer pesquisa durante a pandemia, sobre os espaços que antes eram ocupados por milhares de pessoas simultaneamente, em razão da pandemia do novo corona vírus COVID-19, e que passaram a ser espaços de silêncio e do desabitado. Propõe-se uma reflexão de como tais novos espaços definiram, definem e definirão nossos fazeres enquanto pesquisadoras e pesquisadores, em especial no campo das relações de trabalho.

¹ Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://lattes.cnpq.br/1704115053163728>. <https://orcid.org/0000-0002-5897-2772>. andrea.oltramari@ufrgs.br. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração. Rua Washington Luiz, Centro histórico, Porto Alegre, RS, Brasil. CEP: 90010-460. Telefone: (55 51) 33083826.

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Titular da Fundação Getulio Vargas. <http://lattes.cnpq.br/8146874185762544>. <https://orcid.org/0000-0002-6585-1493>. maria.jose.tonelli@fgv.br.

Para tanto, apresenta uma série de fotografias cujas memórias se perpetuam vivas. Os relatos e fotos a seguir dizem de experiências solitárias, mas também de novas escutas, do diálogo com nossa capacidade de pensar, material único para um pesquisador. A seção a seguir descreve a experiência da observadora, uma das autoras desse texto, sobre sua movimentação entre Londres e Lisboa e, a seguir, discute-se sobre o fazer pesquisa no campo das relações de trabalho em tempos de pandemia.

MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS E NARRATIVAS: A EXPERIÊNCIA DE UMA OBSERVADORA PARTICIPANTE

Em meados de 18 de março de 2020 o governo inglês, tardiamente e com altas taxas de infectados, instituiu o *lockdown*. Assim como em diversas partes do mundo, não era possível sair de casa, a não ser para ir ao supermercado, farmácia e tudo que dissesse respeito a subsistência. Era também possível praticar uma hora de exercício físico, desde que essas atividades estivessem circunscritas ao do bairro de moradia. Havia policiais por toda a parte. Uma das proponentes do artigo estava na Inglaterra justamente no início do *lockdown*, lá ficando presa até 31 de maio de 2020, em período de *visiting fellow* em uma Universidade Inglesa, quando, por decisão própria decidiu voltar para Lisboa e para a Universidade onde realizava seu projeto de pesquisa sobre imigrantes brasileiros. A trajetória dessa viagem é parte das memórias fotográficas apresentadas a seguir.

A arte de pesquisar não é de imediato alcançada. Para ser pesquisadora ou pesquisador há que se percorrer um grande caminho e também dar conta das novas vicissitudes que se apresentam. Foi assim como pesquisadora fora do Brasil em momento de pandemia. As formas inventivas tiveram que brotar no cotidiano e essa nova situação estranha para todos evocou-nos difíceis e reflexivas decisões. Nossa primeira proposta de coleta de dados foi totalmente frustrada. Pensamos em outras hipóteses, nunca sozinhas – havia *Skype* de supervisões e novas estratégias de

pesquisa tiveram que ser traçadas, como a pesquisa quantitativa (*survey*) e algumas ligações por *whatsApp*. A cada ligação do *whatsApp* saíamos absolutamente esgotadas. As tecnologias, para muitos, são fonte de esgotamento, em especial para pesquisadoras como nós que iniciamos a pesquisar quando ainda gravávamos entrevistas em fita cassete.

Os encontros presenciais para as entrevistas ainda não são possíveis no momento da escrita desse artigo e as formas de se reinventar também como pesquisadora é premente. A prontidão que antes era presencial, agora, invade-nos numa situação nova, mas não confortável, se não estranha, de todos os contatos tão somente pela tela do computador, *notebook* ou telefone móvel. Podemos pensar até que, as vivências da pandemia é que se apresentam como o **próprio conteúdo**. Não negar isso é muito importante se não que, mais que isso, nossa capacidade de dividirmos uns com os outros essa nova forma de pesquisar. Assim, pesquisar sempre foi, e agora mais ainda, um exercício sobre a capacidade de contarmos uns com os outros.

Além da aprendizagem abrupta, mas necessária, das novas tecnologias para o exercício da profissão, como sabem, ser mulher por si só já se apresenta com barreiras e temos que fazer um esforço gigantesco para transpassar. Ser mulher brasileira em terras estrangeiras é ainda mais desafiador. O exercício para a entrada em campo é diário e com ele as percepções cotidianas que a linha que separa a opressão e a desvalorização do nosso labor é tênue. Essas duas questões: novas tecnologias para a pesquisa e ser mulher no campo são questões que precisam ser ainda mais exploradas.

Entretanto, queremos referir que o acolhimento e a força para o enfrentamento para a pesquisa nesses tempos vindouros se darão sobretudo na amizade e no amparo que as redes de afeto nos possibilitam. Assim foi no Reino Unido e assim foi em Portugal com a rede de amigos e amigas portugueses e brasileiros que constituímos. Apesar das narrativas visuais que mostramos a seguir, a qual chamamos de “solidão na pesquisa

em tempos de pandemia”, buscamos refletir sobre o desejo de continuar pesquisando e, sobretudo inovar me termos de coleta de dados, em especial a nossa área, em que a fala do trabalhador é essencial para nosso labor e reflexão.

Ainda, há que se mencionar a importância de também termos registros narrativos fotográficos como material extremamente rico para pesquisa. Para tanto, mencionamos o trabalho de Prestes e Grisci (2017) e Gemelli (2021) que referem ser através da fotografia uma das formas de representar e exibir o mundo de maneira muito particular. As imagens visuais constituem-se em uma forma de coleta de dados (Flick, 2004). As fotografias constituem-se como uma forma preciosa de registros de memórias, nos dando a possibilidade de recordar pelo meio visual os momentos vividos. Pensar e lembrar constitui um enfrentamento importante para os tempos vividos, em que tanto a imagem quanto a palavra tornam-se soberanas no exercício de ligação afetiva com o outro, seja ele colega pesquisador ou pesquisadora ou mesmo nossos entrevistadas/os. Apresentamos a seguir fotos da trajetória de Londres para Lisboa que nos permitiram as reflexões já apresentas e que mostram o vazio das estações, do trem/metrô e das escadas rolantes antes povoadas por milhares de pessoas.



Figura 1 – London Euston: O Vazio no Trajeto

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.



Figura 2 – Victoria Line, London Underground: O Medo

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.



Figura 3 – Trem em Birmingham: A Despedida

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.



Figura 4 – London Underground, Picadilly Line: A Solidão (1)

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.



Figura 5 – London Underground, Picadilly Line: A Solidão (2)

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.

Atravessar esses espaços vazios pediu coragem para enfrentar o medo, ao mesmo tempo em que despertou novos olhares para a compreensão dos trabalhadores que precisam se manter ativos e produtivos mesmo nesse período. Apresentamos nossas reflexões sobre esse tópico na seção a seguir.

A PESQUISA SOBRE RELAÇÕES DE TRABALHO: IMAGENS DA PANDEMIA

Na segunda parte desse manuscrito propomos uma reflexão sobre as questões que se levantam sobre fazer pesquisas e sobre as transformações no mundo do trabalho, a partir de fotos da trajetória de viagem entre o aeroporto de *Heathrow* em Londres e Lisboa. Em face disso, importante mencionar alguns estudos que já apontavam sobre as fronteiras no mundo do trabalho, tal como o seminal artigo de Barley e Kunda (2001). De modo bastante profético, sem a intenção os autores problematizaram sobre as novas fronteiras entre países e organizações. Os autores mostraram e as transformações no mundo do trabalho e a necessidade de trazer novamente esses

novos olhares para o estudo organizacionais. Eles questionaram e aportaram discussões sobre as fronteiras nas carreiras, e sobre a tecnologia interfere cada vez mais no trabalho. Certamente os autores não previram, naquela época, a intensificação do trabalho digital e, tampouco, suas consequências num período pandêmico.

O que é possível dizer sobre as relações de trabalho nesse período pandêmico? As fotos do aeroporto de Londres nos indicam apenas grandiosos espaços vazios. Por um lado, as imagens remetem à solidão, um tempo futuro sem a humanidade, por outro, indicam que os objetos só fazem sentido quando as pessoas estão presentes.

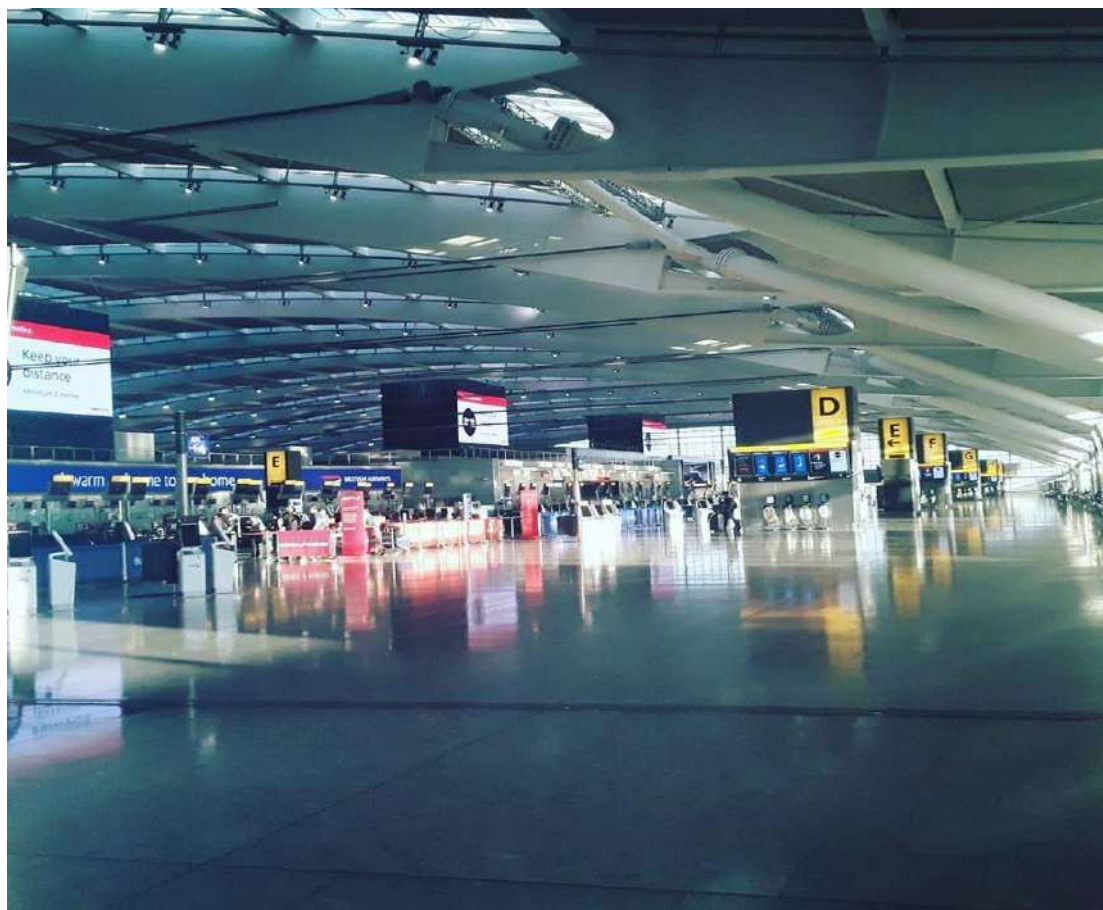


Figura 6 – Heathrow Airport: O Silêncio, O Vazio, A Solidão, A Despedida (1)

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.



Figura 7 – Heathrow Airport: O Silêncio, O Vazio, A Solidão, A Despedida (2)

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.



Figura 8 – Heathrow Airport: O Silêncio, O Vazio, A Solidão, A Despedida (3)

Fonte – Arquivo pessoal, 30 de maio de 2020.

A experiência brutal de se deparar com os espaços vazios permitiu pensar que as relações de trabalho podem assumir novos formatos em consequência da pandemia. Isso inclui uma menor movimentação dos executivos globais, uma retração dos movimentos migratórios, uma retração no empoderamento das mulheres, entre outros aspectos possíveis de serem pensados nesse momento.

PARA CONCLUIR

Esse manuscrito apresentou imagens da trajetória de uma das autoras, quando do seu deslocamento de Londres para Lisboa, no início da pandemia com objetivos de pesquisa. O trabalho procura problematizar as mudanças no processo de pesquisar

durante o período pandêmico, mas que também buscar mostrar algumas consequências desse momento para a pesquisa das relações de trabalho. A partir dessa experiência é possível dizer que algumas das transformações provocadas pelo período pandêmico serão duradouras tanto no processo de pesquisar como no entendimento das relações de trabalho. Na dimensão do fazer pesquisa propriamente, é possível colocar questões que poderão ser mais bem exploradas em pesquisas futuras: observações e observações participantes continuarão sendo possíveis? Como os atores envolvidos vão lidar com a presença física dos observadores? Como ficam os nativos e os observadores em pesquisas etnográficas? No que se refere às relações de trabalho: o uso de aeroportos e aviões será minimizado? Há uma mudança no uso do tempo no trabalho? Qual o papel dos objetos tradicionais nas novas formas de trabalho? A experiência mostrou ainda que, tal como observado por Spradley (1979), as dimensões da vida social a serem observadas no campo continuam as mesmas e incluem o espaço, os atores envolvidos, as atividades, os objetos, o tempo e os sentimentos e emoções envolvidas. Esperamos que tais reflexões sejam úteis para os pesquisadores do campo organizacional.

REFERÊNCIAS

- Barley, Stephen & Kunda, Gideon (2001). Bringing Work Back in. *Organization Science*, 12(1), 76-95.
- Flick, Uwe (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Gemelli, Catia (2021). Capturas do silêncio: memórias do vazio em Lisboa. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 10(1), 49-61.

Prestes, Vanessa A. & Grisci, Carmem L. I. (2017). A fotografia como lugar de memórias e recurso disparador da fala no trabalho imaterial de modelo de moda. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, Salvador, 6(3), 39-54.

Spradley, James (1979). *The ethnographic interview*. Long Grove: Waveland Press.

FAZER PESQUISA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM PEQUENO ENSAIO SOBRE DADOS VISUAIS, A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DURANTE O *LOCKDOWN*

Resumo

Esse ensaio propõe uma reflexão sobre fazer pesquisa em tempos de pandemia com o uso de dados visuais, a partir da experiência de uma das autoras do texto. Propõe-se uma reflexão sobre essa experiência tanto na perspectiva da observadora que se desdobra em indagações sobre as consequências desse período para o fazer pesquisa no campo das relações de trabalho. O ensaio apresenta fotos utilizadas que indicam que as mobilidades e as fronteiras no mundo do trabalho precisarão de novos olhares dos pesquisadores. A experiência mostrou ainda que que, tal como observado por Spradley (1979), as dimensões da vida social a serem observadas no campo continuam as mesmas e incluem o espaço, os atores envolvidos, as atividades, os objetos, o tempo e os sentimentos e emoções envolvidas.

Palavras-chave

Pesquisa. Uso de dados visuais. Pandemia. Espaço. Relações de trabalho.

INVESTIGAR EN TIEMPOS DE PANDEMIA: UN BREVE ENSAYO SOBRE DATOS VISUALES A PARTIR DE UNA EXPERIENCIA DURANTE UN ENCIERRO

Resumen

Este ensayo propone una reflexión sobre la realización de investigaciones en tiempos de pandemia con el uso de datos visuales, a partir de la experiencia de uno de los autores del texto. Propone una reflexión sobre esta experiencia tanto desde la perspectiva del observador que se despliega en preguntas sobre las consecuencias de este periodo para hacer investigación en el campo de las relaciones laborales. El ensayo presenta fotos usadas que indican que la movilidad y las fronteras en el mundo del trabajo requerirán nuevas miradas de los investigadores. El experimento también demostró que, tal y como observó Spradley (1979), las dimensiones de la vida social que se observan en el campo siguen siendo las mismas e incluyen el espacio, los actores implicados, las actividades, los objetos, el tiempo y los sentimientos y emociones implicados.

Palabras clave

Investigación. Uso de datos visuales. Pandemia. Espacio. Relaciones laborales.

DOING RESEARCH IN TIMES OF PANDEMIC: A SHORT ESSAY ON VISUAL DATA, FROM AN EXPERIMENT DURING THE LOCKDOWN

Abstract

This essay proposes a reflection on conducting research in times of pandemic using visual data, based on the experience of one of the authors of the text. A reflection on this experience is proposed, both from the perspective of the observer, which unfolds into questions about the consequences of this period for doing research in the field of labor relations. The essay presents photos used that indicate that mobility and frontiers in the world of work will need new perspectives from researchers. The experience also showed that, as observed by Spradley (1979), the dimensions of social life to be observed in the field remain the same and include space, actors involved, activities, objects, time and feelings and emotions involved.

Keywords

Research. Use of visual data. Pandemic. Space. Labor relations

CONTRIBUIÇÃO

Andrea Poletto Oltramari

A autora declara que realizou a coleta dos dados: fez as fotos e analisou teoricamente.

Maria José Tonelli

A autora declara que realizou a discussão conceitual a partir dos dados coletados.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

As autoras declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

As autoras declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Oltramari, Andrea P. & Tonelli, Maria J. (2021). Fazer pesquisa em tempos de pandemia: um pequeno ensaio sobre dados visuais, a partir de uma experiência durante o lockdown. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(23), 672-689.